



Um terminal inaugural

Paolo Fabbri *

Tradução de Paolo Demuru ** e Nathalia Boanova ***

Resumo: O texto retoma o primeiro *Dicionário de Semiótica*, aquele publicado por Greimas e Courtés em 1979, e também o tomo II, para discutir a atualidade de suas contribuições no seio das ciências da linguagem. Tanto as bases do projeto que inspira a sua elaboração, quanto sua singularidade em relação às outras propostas, são então retomadas ao longo do artigo para lançar luz sobre o alcance metodológico da teoria e os avanços que permitiu no estudo dos processos de sentido.

Palavras-chave: Dicionário, semiótica, atualidade, coerência

1 Permanência e atualidade

As artes da memória são artes da *inventio*. Para que não seja apenas um acúmulo de informações inertes ou ritual de homenagem, o ato de colocação em memória deve ter o valor prospectivo de uma pesquisa. Pensar, à distância de anos da primeira edição, o *Dicionário de semiótica* de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés possui este sentido.

É certo que o vocabulário “raciocinado da Teoria da Linguagem” continua sendo o principal instrumento para garantir a permanência e a atualidade da atividade semiótica. Permanência a se reconfirmar perante uma *damnatio memoriae*, fruto de uma “assimbolia” (Barthes, 1970) tenaz, que quanto menos compreende o pensamento semiótico mais dele se afasta. Perante uma semiótica anoréxica, reduzida a vulgaridade de poucas palavras – denotação, conotação, metalinguagem, sintagma/paradigma, metáfora/metonímia – uma semiótica de códigos, sofrendo de distúrbios bipolares. Uma atualidade que precisa ser reivindicada porque, através das tantas pesquisas e aplicações em curso, aproximam-se da semiótica muitos portulanos desprovidos da precisão e da força

de generalização de um mapa.

A mais de meio século do ensaio de Greimas sobre “A atualidade do saussurismo” (1956), texto fundador do estudo dos sistemas e processos de sentido, o *Dicionário* reafirma a coerência saussuriana e hjelmsleviana de suas conquistas: a colocação da linguística no âmbito de uma semiótica geral; a autonomia das linguagens em relação à determinação referencial (“desontologizar os signos”); a teoria das formas semânticas e expressivas e de suas transformações; prevalência da relação sobre a unidade e do global sobre o local; papel da narratividade e da enunciação na construção do discurso; exploração da prática textualizada em diversas substâncias expressivas (multimedias) e de suas tra(ns)duções. A se afirmar, acima de tudo, é a vocação federativa das ciências humanas no estudo da semiosfera, isto é, do significado nas línguas naturais e na cultura (Lotman, 1999).

A semiótica greimasiana, emergida do paradigma estrutural, parece hoje mais convincente e eficaz que as gramáticas formais e está em desacordo implícito com o novo paradigma cognitivo. O *Dicionário* não compartilha o programa reducionista de naturalização do sentido: um racionalismo neuronal que une, em

* Professor da Universidade de Bologna, Itália, e codirector da revista franco-italiana *Mezzavoce* e das coleções de livros *Semiotic Crossroad* (Estados Unidos), *Teoria della Cultura* (Bolonha, Itália) e *Segnature* (Roma, Itália). Representa a Itália na Asociación Internacional de Estudios Semióticos (IASS) e presidente da International Association of Visual Semiotics (AIVS). Endereço para correspondência: (p_fabbri@alice.it).

** Paolo Demuru é Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna, Itália, e pelo Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Endereço para correspondência: (paolodemuru@gmail.com).

*** Nathalia Boanova é Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Endereço para correspondência: (na.boanova@gmail.com).

um quadro funcionalista, ciências da vida, psicologia e informática. E parece, ainda, explicitamente crítico em relação à linguística transformacional chomskyana e ao seu projeto de se diluir na psicologia e, posteriormente, na biologia. Para a semiótica é mais relevante culturalizar as ciências cognitivas que naturalizar as ciências sociais (Rastier, 2004); seu objeto de reflexão e pesquisa são as propriedades do discurso, não as da mente ou do cérebro – com seu pensamento interno bruto. As línguas não são feitas somente de regras proposicionais, mas de normas de comunidade comunicante: a semiose, ato de conjunção entre conteúdos e expressões, é o resultado de regras formais (inferências, etc.) e de normas culturais. Como já para Saussure, para Putnam (1975), a semântica é tipicamente uma ciência social, produtora e, ao mesmo tempo, efeito da instituição de sentido. Não é, portanto, por acaso se, mais do que com a linguística de frames cognitivos (Fillmore, 1977; Lakoff, 1987), é com a antropologia da linguagem (Duranti, 1997; Silverstein, 1996) que a linguística e a semiótica do *Dicionário* estabelecem suas mais estritas convergências.

Cabe então às ciências da significação colocar-se, no que diz respeito às indagações sobre a Semiosfera, como “intercessoras” entre natureza e cultura. Esta parece ser a orientação das pesquisas em filosofia empírica (aquela de B. Latour) e dos estudos de hermenêutica (aqueles semânticos de Rastier, filosóficos de P. Ricoeur e matemáticos de R. Thom). A esta lição se relacionam as pesquisas italianas de Socio e Etnossemiótica, que têm em Greimas uma figura central.

Para realizar seu projeto, a semiótica traçada no *Dicionário* – diferentemente daquela de inspiração peirciana – procura um caminho intermediário entre o laxismo epistemológico e o tecnicismo dos métodos (v. Introdução do *Dicionário*). Ou melhor, minimiza a epistemologia por maximizar o método, isto é, o lugar de construção de modelos com vocação heurística. O *Dicionário* não se apresenta, portanto, como um cânone, mas como um *organon* de máximas e instruções para o estudo comparativo das expressões multimídiais dos significados e dos valores das culturas. Muitos verbetes são assim destinados à definição dos “todos semânticos”, entendidos enquanto universos em construção e em evolução, e às práxis enunciativas que os fabricam, comunicam e interpretam. Mostram também as traduções, as intercapturas, os sincretismos e as emergências entre linguagens dotadas de diversas substâncias expressivas.

Outras vozes dedicam atenção particular à dimensão heurística, isto é, à adequação e à eficácia descritiva dos modelos, sobretudo no que tange os aspectos sócio e etnossemióticos: mitologias, ritualidades, artefatos, mídias. A este propósito, é central a contribuição que a semiótica oferece para abordar as dimensões prática,

programática, manipulativa e estratégica dos signos e da linguagem. Emerge, assim, uma semiótica do discurso eficaz para o estudo das mídias e das mensagens, das ações e das paixões, dos valores e, sobretudo, da narratividade. Uma lição de método que, ao menos na Itália, já faz parte da pesquisa “normal”.

2 Prolongamentos e retomadas

É grave, para uma disciplina, que não haja nada de novo a dizer, sobretudo no momento em que são feitas escolhas teóricas e de método.

O segundo volume da *Semiótica* de Greimas e Courtés recolhia, na forma de dicionário, as contribuições de quarenta pesquisadores ativos na pesquisa internacional em semiótica. Entre os termos propostos, os autores do dicionário francês haviam distinguido os Complementos (C), as Novas Entradas (N), os Debatidos (D) e as Propostas (P). Para assegurar a coesão textual e a coerência da proposta, decidimos acrescentar na edição italiana do *Dicionário*, sessenta verbetes que atualizavam ou remanejavam aqueles existentes. Por sua vez, são sete as entradas inteiramente novas: Ficção, Ironia, Real, Semissimbólico (sistema-), Sincrético (semiótico-), Tímico, Topologia (categoria).

O formato do vocabulário – um gênero discursivo de grande prestígio e operacionalidade cultural – permite de fato conciliar, através dos mecanismos de definição e interdefinição de suas entradas, a forma aberta e as variações do sentido. Por um lado, a elasticidade linguística da relação denominação/definição – tão importante quanto a dupla articulação – permite realizar procedimentos de condensação e expansão; pelo outro, a densa rede de referências possibilita homogeneizar sem unificar. O dicionário não é uma árvore, mas um arbusto que cresce em meio e em todas as direções, sempre à espera de novos termos a serem interdefinidos. É um rizoma linguístico composto por verbetes que já integram o *pidgin* do discurso – actante, performance, sema, enunciação – e de outros à espera de crioulização. Por isso, ele é capaz de formar uma paradigmática da pesquisa em equilíbrio metaestável, sem, contudo, se constituir prematuramente em um tratado; registrar os movimentos de uma disciplina *in progress*; instituir confrontos e avaliações evitando os riscos de protagonismo e epigonismo, como ocorreu, por exemplo, na ocasião da crítica ao quadrado semiótico e à coerência do percurso gerativo. Contudo, enquanto se criou um consenso geral sobre a necessidade de deixar de lado as especulações sobre a oposição texto vs. contexto para debater sobre a construção problemática do *corpus* significativo, insiste-se, ainda hoje, em problemas quebra-cabeças como aquele da oposição entre texto e prática, aos quais o *Dicionário* já havia amplamente respondido.

De fato, o *Dicionário II* atribui, no que concerne aos estudos da narratividade, um novo papel à intersubjetividade, inscrita na enunciação (E. Benveniste) e, portanto, à dimensão discursiva. Paralelamente, após a investigação sobre as paixões, a dimensão tímica ganha nova relevância, sendo implicada, agora, nos processos de criação e transformação das valências e dos valores – a serem investigados tanto no plano paradigmático (axiologia), quanto no plano sintagmático (ideologia). Por outro lado, a aspectualidade, tida como ponto de vista sobre os processos, favorece, no segundo volume, o relançamento dos estudos sobre a dimensão figurativa na linguagem e nas imagens. Ao seu lado, encontram-se o conceito de observador – proposto como função geral das linguagens – e as noções de focalização, perspectiva, ponto de vista e assim por diante.

Novos aportes teóricos e de métodos emergem, sobretudo, da pesquisa sobre a tradução intersemiótica, um laboratório autêntico para a reflexão sobre os todos significantes, como também, ao mesmo tempo, das reflexões sobre as situações e os eventos caracterizados pela indeterminação tática e estratégica própria das decisões interdependentes.

O *Dicionário* não contempla, contudo, a complexidade e a dispersão das novas orientações em semiótica. Entre muitas tendências e pendências, parece, porém, que as diversas Semióticas propostas – Subjetal, Tensiva, Experiencial – sejam desenvolvimentos locais e aprofundamentos pontuais do quadro epistemológico comum que se desenha no *Dicionário*. Reforçam ou aliviam algumas obrigações e exigências, mas conservam o postulado implícito de que o que está em jogo não é a verdade, mas a “significatividade” (Thom, 1985 [1980]).

O mesmo pode talvez ser dito dos que reativaram a herança fenomenológica da semiótica e prosseguiram, com modos e meios próprios, a partir de *Da imperfeição* (2002 [1987]) de Greimas, a exploração da relação entre Sema e Soma (Saussure) e entre sentido e corpo. No entanto, além de alertar sobre a duvidosa convergência com o paradigma cognitivo, vale ressaltar que, no que diz respeito aos recomeços, mudar de marcha nem sempre significa aumentar a velocidade.

Envio

Aquilo que se faz com tempo, o tempo respeita. A anos de sua primeira publicação, a contribuição do *Dicionário* pode deixar a desejar, mas não nos leva a mudar de ideia. Vale a pena acreditar em sua palavra, pois ele tem ainda muitas palavras a dizer e receber. Esclarece o sentido de uma disciplina que não é datada, mas em devir, dentro de uma “modernidade reflexiva” que ao prefixo *pós-* prefere o prefixo *ana-*: anamnese e análise (Lyotard, 1979).

A via da semiótica não está interrompida. Resta percorrê-la. ●

Referências

- Barthes, Roland.
1970. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva.
- Duranti, Alessandro.
1997. *Linguistic anthropology*. New York: Cambridge University Press.
- Fillmore, Charles J.
1977. “Scenes-and-frames semantics”. In: ZAMPOLLI, Antonio (ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company. pp. 55-81.
- Greimas, Algirdas Julien.
1956. L’actualité du saussurisme. *Le français moderne*, n. 24. pp. 191-203.
- Greimas, Algirdas Julien.
2002 [1987]. *Da Imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.
1979. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien.
2008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu D. Lima et alii. São Paulo: Contexto.
- Lakoff, George.
1987. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lotman, Iuri M.
1999. *La sémiosphère*. Limoges: Presses Universitaire Limoges, PULIM.
- Lyotard, Jean-François.
1979. *La condition postmoderne*. Rapport sur le savoir. Paris: Minuit.
- Putnam, Hilary.
1975. “The meaning of meaning”. In: GUNDERSON, Keith (ed.). *Language, mind and knowledge*. Minnesota: University of Minnesota Press. pp. 131-193.
- Rastier, François. Sciences de la culture et post-humanité. *Texto*. Textes et cultures. 2004. En ligne: http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Post-humanite.html

Silverstein, Michael.

1996. *Natural Histories of Discourse*. Chicago: University of Chicago Press.

Thom, René.

1985 [1980]. *Parábolas e catástrofes*. Trad. Mário Brito. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Dados para indexação em língua estrangeira

Fabbri, Paolo
Un terminal inaugural
Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)
ISSN 1980-4016

Résumé: *Cette courte note a pour objet les deux tomes de Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la science du langage, publiés par Greimas et Courtés en 1979 et 1986, dont on évalue l'actualité des apports au sein des sciences de la signification. On y passe en revue les bases du projet ayant inspiré leur élaboration ; on se penche ensuite sur leur singularité vis-à-vis des théories environnantes, afin de mettre en lumière la portée méthodologique des vues greimassiennes, et les avancées que celles-ci ont pu promouvoir dans l'étude des processus de la production du sens.*

Mots-clés: *Dictionnaire ; sémiotique ; actualité ; cohérence*

Como citar este artigo

FABBRI, Paolo. Um terminal inaugural. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 143-146. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 26/04/2017

Data de sua aprovação: 30/05/2017
